



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ



## CANCELAMENTO A MULHERES NO AMBIENTE DIGITAL: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE O EPISÓDIO DE KAROL CONKÁ

Cleisla Hellen Borges Paes<sup>1</sup>  
Sidnay Fernandes dos Santos Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado da Bahia, [cleisla0511@gmail.com](mailto:cleisla0511@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia, [sfsantos@uneb.br](mailto:sfsantos@uneb.br)

Palavras-Chaves: Cultura do Cancelamento; Ciberviolência; Mulheres.

### INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2000, com o desenvolvimento da web 2.0 as interações *online* se intensificaram, especialmente nas redes sociais, que passaram a atrair um número crescente de usuários, destacando-se o *Instagram* e o *X*. Nestes espaços a interação dá-se, principalmente por meio de produções nativas do ambiente digital, como postagens, curtidas, comentários e compartilhamentos de opiniões e informações que circulam rapidamente. No entanto, com a expansão da conectividade, expandiu-se também os alcances da “cultura do cancelamento”, que, na contemporaneidade, adquire novas roupagens. Tal prática virtual se estabelece, em geral, por meio de boicotes, críticas a dizeres, atitudes e comportamentos interpretados e julgados como inadequados ou prejudiciais à moral de determinado grupo social. Dessa maneira, em sua maioria, figuras públicas femininas tornam-se alvo desse tipo de prática.

Os acontecimentos recentes envolvem participante do *reality Big Brother Brasil*, no qual, nas oito últimas edições do programa, mulheres, em sua maioria negras, ocuparam as posições com os maiores índices de rejeição, destacando-se o caso da cantora Karol Conká que sofreu uma forte onda de comentários negativos e ameaças em suas redes sociais, além de perder seguidores, contratos e patrocínios, restando-lhe o isolamento. À vista disso, o presente estudo, em desenvolvimento, integra o projeto *Resistência em discursos de/sobre mulheres*, dedicando-se à análise de dizeres que circulam no ambiente digital e estão relacionados à *cultura do cancelamento*.

No contexto das práticas de cancelamento, têm-se como objeto os discursos que incidem sobre a figura feminina, com a constituição do *corpus* de análise a partir de posts das redes sociais *Instagram* e *X*. Busca-se, dessa maneira, observar os modos como os sujeitos – canceladores, mulheres canceladas e especialista/cientistas – discursivizam a *cultura do cancelamento* em redes sociais, posicionando tal prática na dimensão polêmica dos discursos, que emergem embates/dissensos e entre tentativas de silenciamento.

Para além disso, propõe-se, ainda, comparar as práticas canceladoras direcionadas a mulheres brancas e a mulheres negras, tomando como base acontecimentos discursivos específicos. Também, problematiza a noção de autoria a partir do anonimato proporcionado pela web, considerando seus efeitos na produção de sentidos de ódio, humilhação e de intolerância a posicionamentos diferentes.



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

## METODOLOGIA

Esta pesquisa, arquivística, está ancorada nos estudos da Análise do Discurso Digital de linha francesa, de vertente pècheutiana e apresenta natureza quali-quantitativa. Tem como objetivo investigar de que maneira os sujeitos canceladores e mulheres canceladas discursivizam em redes sociais, posicionando tal prática na esfera polêmica dos discursos, que emergem em meio a disputas de sentido e tentativas de silenciamento. Considerou-se como recorte o caso de Karol Conká durante sua participação no BBB21. Neste contexto, o *corpus* da pesquisa constitui-se de posts nativos do ambiente digital *Instagram* e *X*, relacionados ao fenômeno do cancelamento de mulheres. Para isso, textualidades semióticas foram recolhidas, selecionadas e organizadas conforme critérios específicos: regularidade e temas; posteriormente, representados em gráficos. Além disso, o contexto imediato e o contexto sócio-histórico também foram considerados. Assim, para nortear e dar conta desta proposta, mobilizamos, principalmente, o conceito de Ciberviolência discursiva, discutida por Marie-Anne Paveau (2021) e na compreensão de Michel Pêcheux (2005) por acontecimento discursivo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Internet* originou-se na década de 1960, em meio ao conflito político-ideológico da Guerra Fria. Nesse período, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA<sup>1</sup>) desenvolveu projetos de pesquisa voltados para a criação de uma rede de comunicação mais segura que, diferente das outras existentes, mesmo sob ataque, conseguisse resistir, ao menos em parte. O objetivo era manter operando o fluxo de dados entre os centros militares e de pesquisa, o que acabou culminando na criação do projeto ARPANET. Nesse contexto, em 1969, a universidade de *Stanford* e a UCLA<sup>2</sup> realizaram a primeira conexão dessa rede, que se tornou a base para o sistema de redes atual.

Por outro lado, sob uma perspectiva linguística, Marie-Anne Paveau (2021), no texto *A Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*, esclarece que *Internet* e *Web* são dois terrenos distintos, embora, muitas vezes, os conceitos sejam tratados como sinônimos. Para a autora, a *Internet* é uma rede global que conecta entre si os aparelhos computadores, possibilitando serviços como o compartilhamento de arquivos, mensagens imediatas, correio eletrônico e a própria *web*. Diante disso, a *web* é apenas um dos serviços disponíveis na *Internet*. Paveau afirma, ainda, que a evolução estrutural da *web* se dá em quatro momentos: o primeiro, a **web 1.0** – estática – surgiu em 1990 e consistia em conectar as informações por meio de páginas; em portais de informações e fóruns, sendo a interação mais restrita.

Nos anos 2000, houve melhorias nessa estrutura, tornando-a mais interativa – **web 2.0** –, ao conectar os usuários e possibilitar sua atuação como “multi-agentes” (Paveau, 2021, p.35), especialmente nas plataformas sociais. Em 2010, a *web 2.0* deu lugar à **web 3.0** – *web* da semântica – que, segundo a linguista, baseava-se, sobretudo, na coleta e armazenamento de

<sup>1</sup> Defense Advanced Research Projects Agency.

<sup>2</sup> University Of California, Los Angeles.



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

dados por meio de metadados, dando preferência a conexões móveis. Por fim, em 2020, emergiu a **web 4.0**, também chamada de inteligente ou metaweb. Ela visa tornar-se cada vez mais interativa ao ponto de conectar não apenas as pessoas, mas integrar “[...] uma dimensão conectada ao conjunto dos elementos do nosso ambiente de vida” (Paveau, 2021, p.35).

Assim, estar conectado e integrar esses espaços interativos proporcionados pela *Internet* significa participar do mundo. Diante disso, a revista norte-americana de negócios e economia *Forbes* divulgou, em 2023, um levantamento realizado pelo *Comscore* em que destaca o Brasil como um dos países que mais consomem redes sociais; ocupando a terceira posição no ranking mundial, com mais de 131 milhões de usuários. Destacam-se o *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*, *Kwai* e o *Twitter*. Contudo, nesta pesquisa interessa-nos apenas as textualidades discursivas que circulam nas plataformas *Instagram* e *X*.

No *Instagram*, a relação entre as pessoas se estabelece por meio de elementos tecnodiscursivos, como: seguidores, comentários, curtidas, compartilhamentos de diferentes textualidades linguísticas, canais de transmissão, *stories*, *reels*, *lives*, *hashtags*, entre outras, as quais também estão presentes em outras interfaces sociais *online*. Por sua vez, o *Twitter* – atual *X* – é um sistema de interação virtual imediata que opera como uma espécie microblog, o qual permite que seus participantes interajam por meio de ações como seguir, *Retweetar* (compartilhar), curtir, salvar e produzir pequenos textos com no máximo 280 caracteres: tuítes<sup>3</sup>.

De modo geral, as redes sociais têm propiciado a construção e a propagação de discursos de diferentes naturezas, que se entrecruzam e produzem sentidos. Paveau (2021) define por nativas as produções de linguagem construídas nos ambientes de escrita *online* que contam com ferramentas próprias desses espaços “[...] e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais” (Paveau, 2021, p.57). Inserida nesse cenário, a *Ciberviolência* se constitui como uma dessas práticas discursivas. Tal violência simbólica manifesta-se por meio de enunciados violentos. Assim, Paveau (2021) define a *Ciberviolência* discursiva como um conjunto de práticas agressivas ocorridas nos ambientes tecnodiscursivos, constitutivas do digital.

Nesses espaços, frequentemente, os sujeitos acreditam serem livres para dizerem o que quiserem, especialmente em plataformas como o *Instagram* e *X*, graças à alternativa de “anonimato”, que Paveau (2021) denomina *pseudonimato*, já que a identidade do sujeito não é totalmente indetectável. No entanto, conforme aponta Pêcheux (2005), os dizeres não são neutros e nem autônomos, uma vez que os sujeitos são interpelados pela ideologia, pela história e pelo inconsciente, o que influencia diretamente na maneira como se posicionam discursivamente. Os ambientes *online* constituem, dessa maneira, uma heterogeneidade discursiva sustentada por relações de poder e de confronto.

Essa lógica pode ser observada especialmente em contextos de alta exposição midiática, como o *Big Brother Brasil* que tem se tornado palco para a produção de dizeres polêmicos que circulam nos ambientes tecnodiscursivos por meio de diferentes formas semióticas, que colaboram para a criação e intensificação de enunciados violentos, frequentemente naturalizados como “opinião” pessoal.

O *reality show Big Brother*, transmitido anualmente pela Rede Globo de TV, teve sua primeira edição no Brasil em 2002. A dinâmica do programa consiste basicamente em reunir

<sup>3</sup> Apesar de *tweet* ser a forma original, no Brasil é mais utilizado o termo “tuíte”.



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ



numa casa, isolada, infestada de câmeras, um grupo misto, com um pouco mais de 20 participantes, que estarão disputando o prêmio em dinheiro (atualmente, cerca de 3 milhões). Inicialmente, integravam o elenco apenas pessoas anônimas, mas em 2020 foi permitida a participação de figuras públicas, formando dois grupos: Pipocas (anônimos) e Camarote (famosos). Ao longo de três meses de confinamento, os participantes são submetidos a provas de resistência, agilidade e sorte, bem como dinâmicas que induzem ao conflito, como *Jogo da Discórdia*, *Sincerão* e *Formação de Paredão*. A eliminação ocorre por meio do voto público.

Diante desse contexto, as edições mais recentes do programa foram marcadas por elevados índices de rejeição pública, evidenciados pelas porcentagens de votação. No BBB18, Patrícia Leite (94,26%) e Nayara de Deus (92,69%) lideraram o ranking de eliminações, mas foram ultrapassadas por Karol Conká (99,17%) e Viuh Tube (96,69%) no BBB21. Em 2022, na vigésima segunda edição, Laís Caldas saiu com 91,25% dos votos. Nas edições posteriores, o primeiro lugar foi ocupado por Paula Freitas, com 72,5%, em 2023, por Leidy Elin, em 2024, com 88,33%, e por Camila Maia, em 2025, com 94,67% dos votos, sendo estas, em sua maioria, mulheres negras. Dentre os casos, destaca-se o de Karol Conká.

A cantora Karoline dos Santos de Oliveira, conhecida como Karol Conká entrou como camarote na vigésima primeira edição do BBB, sendo uma das favoritas a ganhar o prêmio. Entretanto, um conjunto de ações e dizeres produzidos por ela, ao longo de sua participação, sobre dois participantes – Juliette e Lucas Penteado – tiveram grande repercussão ao serem recebidos e interpretados pelo público como agressivos, discriminatórios e manipuladores.

Um exemplo disso é o acontecimento discursivo do dia 01 de fevereiro de 2021, o qual, durante o almoço, ao adentrar na cozinha, Karol enuncia: “Eu quero comer na paz do Senhor, entendeu? Eu não quero que você fale enquanto eu estou na mesa comendo, obrigada! Me respeita. Valeu! Não quero. Não tô afim”. Em seguida, Lucas, que estava sentado à mesa, questiona: “Tá falando comigo?” Ela rebate que sim. Ao ouvir isso, ele se levanta acuado e diz: “[...] come aí, quando você terminar, você me avisa”. Karol continua: “Isso, melhor porque você não sabe calar a boca, é melhor você sair mesmo”. Ele pede desculpas e ela continua: “Não desculpo, vai cagar! Vá à merda! Vá se fazer de louco lá para fora. Pede para sair. Já deu! Já deu, Brasil!”. Mais adiante, Karol retruca: “Só vai comer quando eu sair da mesa e ponto. Qualquer coisa me bota no paredão que eu tenho minha carreira, minha vida bem bonita lá fora”. Pouco depois, na cozinha com outros participantes, Karol afirma ter vontade de agredir Lucas com socos, murros e voadora. Observe abaixo a seguinte postagem retirada do X:

**Figura 1: Figura 1: Karol falando sobre Lucas**



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ



Fonte: X.

Percebe-se pelo número de curtidas (2.472), comentários (60) e compartilhamentos (80) do tuíte acima a repercussão que tal fala teve. Diante desse acontecimento e outros episódios, os telespectadores que tiveram acesso a esse discurso, seja durante a exibição ao vivo do programa, seja por meio de recortes nas redes sociais, passaram a ocupar a posição de juízes e punidores, interpretando os dizeres e as atitudes dos sujeitos Karol e Lucas. Sobre a prática de julgar o outro, Moreira et al. (2022, p.151-152) destacam que “[...] diariamente, veem-se usuários de redes sociais, em uníssono, julgando sujeitos que agem contrariamente ao esperado e condenando-os a sanções pragmáticas e cognitivas negativas [...]”.

Nesse sentido, assim como o meio físico é regido por regras sociais de conduta, o espaço digital não difere. Logo, se algum elemento dessa estrutura está em desacordo com o código moral, ou seja, caso o sujeito transgrida a norma, esse indivíduo fica sujeito a punições coletivas. No caso do sujeito Karol Conká, o público não se limitou a julgá-la apenas enquanto participante do programa, mas também se posicionou em relação à sua vida pessoal, sua trajetória enquanto cantora e sua atuação como militante das causas sociais.

Assim, Karol foi a quarta eliminada do reality com 99,17% dos votos, batendo o recorde maior rejeição da história do BBB que antes pertencia a Patrícia Leite-BBB18 (94,26%). Ela perdeu muitos contratos, milhares de seguidores em suas redes sociais e teve seus *shows* cancelados. Além de receber ameaças dirigidas a ela e a seus familiares, Karol enfrentou um processo de isolamento social, impulsionado pela intensa rejeição pública, o que contribuiu para o desenvolvimento de um quadro de crises de pânico e ansiedade. Tais práticas se materializam como um movimento de cancelamento. Para Moreira et al. (2022, p.53) o cancelamento virtual “é o processo no qual o outro é ostracizado, às vezes constrangido, além de verbal e publicamente agredido, [...] e sofre danos principalmente morais, mas também financeiros”.

Em decorrência desse movimento, suas redes sociais foram bombardeadas de ataques e comentários ofensivos. Desse modo, para análise foram coletados e selecionados cerca de 83 comentários nas redes *X* e *Instagram* que constituem o *corpus* da pesquisa. Eles foram organizados em categorias temáticas, conforme apresentado na tabela a seguir, que permite observar a recorrência, bem como a natureza dos enunciados.

Gráfico 1: Distribuição Temática dos Comentários.

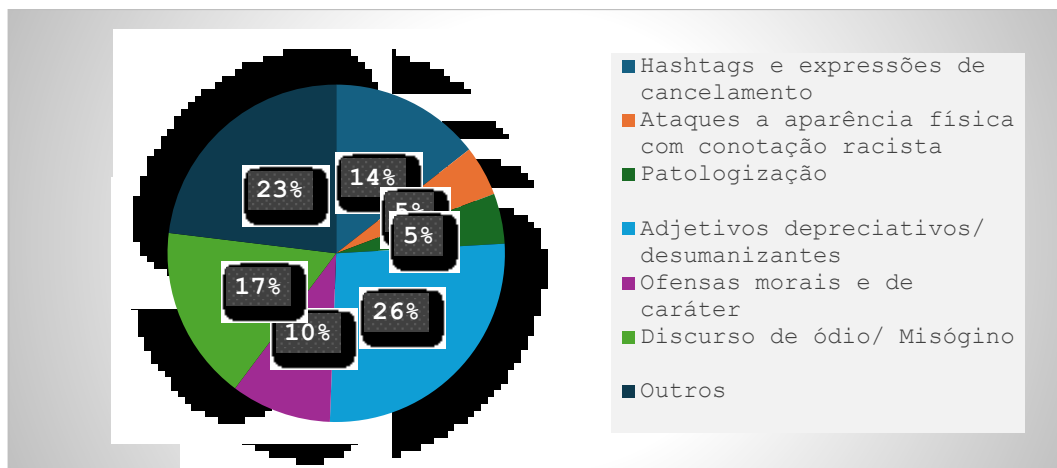


# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ



Fonte: Arquivo pessoal.

Os dados do gráfico acima, revelam uma quantidade significativa de comentários voltados para o cancelamento da participante, com destaque para as categorias adjetivos depreciativos e desumanizantes (26%), em que se observa maior regularidade nos termos do “nojo e/ou nojenta”, “estruma”, “kobra”<sup>4</sup> e “podre”, os quais tentam desumanizar o sujeito ao atribuir-lhe sentidos de repulsa, sujeira e perversidade moral. Já em discurso de ódio com teor misógeno (17%), expressos em xingamentos como “filha da puta”, “puta”, “desgraça”, evidenciam sentidos de teor sexista que tenta desqualificar moralmente e silenciar o sujeito Karol enquanto mulher.

Para além, *hashtags* e expressões ligadas ao cancelamento (14%), “#ForaKarolConká”, “Canceladaconká” funcionam como mecanismos de mobilização coletiva ao linchamento simbólico e ostracismo social do indivíduo. Além de ofensas de cunho moral e à integridade do caráter (10%), exemplificadas por termos como “escrota” e “falsa”, que produzem efeitos de deslegitimação, comprometendo a credibilidade do indivíduo. Ademais, também se identificou a recorrência de enunciados “patologizantes” como “sociopata” e “louca” que correspondem a 5%, cujos mecanismos discursivos atuam para desqualificar e deslegitimar as ações do sujeito Karol, enquanto mulher, reforçando relações de gênero e raça. Também se observa no gráfico ataques à aparência física da participante (5%), principalmente relacionados ao cabelo, onde dois usuários, homem e mulher, brancos, enunciam: “Vai colocar um aplique nesse teu cabelo” e “Cabelo ridículo”. Tais dizeres atualizam discursos racistas, historicamente, direcionados a corpos negros, sendo o cabelo, na maioria das vezes, o primeiro alvo de controle e tentativa de normatização.

<sup>4</sup> O termo “Kobra” grafado com a letra “K” faz referência ao nome Karol Conká. Esse jogo linguístico utilizado pelos usuários opera como um recurso simbólico, irônico, para reforçar a ideia de falsidade e o perigo das atitudes da participante.



# VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas

LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS  
NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os espaços digitais se configuram como campos de disputas simbólicas que propiciam a criação e circulação de discursos, especialmente polêmicos. Nesses ambientes, os sujeitos, ao enunciar, assumem as posições de réu e juízes. Nesse contexto, os enunciados analisados durante e após a participação de Karol Conká na vigésima primeira edição do *Big Brother Brasil*, evidenciam práticas de ciberviolência discursiva e cancelamento virtual, sustentadas, principalmente pelos discursos de caráter moralista, misógino e racista, disfarçados de “opinião”. Assim, termos como “puta”, “nojenta e/ou nojo”, “escrota”, “louca” não se reduzem apenas a xingamentos isolados, mas atualizam discursos históricos de desumanização e silenciamento de mulheres, sobretudo negras.

## REFERÊNCIAS

- ANNA. +1: **Karol Conká sobre Lucas**: “Eu tenho vontade de dar uma voadora, e soco e murro nele. Sendo sincera. Porque sei que lá fora tem uma galera querendo fazer a mesma coisa”. Rio Grande do Sul, 21 fev. 2021. X: @anninhawg. Disponível em: [https://x.com/anninhawg/status/1356413667470925824?t=Id2\\_nfwFqD2LtAVUd\\_cUaw&s=19](https://x.com/anninhawg/status/1356413667470925824?t=Id2_nfwFqD2LtAVUd_cUaw&s=19). Acesso em: 04 ago. 2025.
- BIG BROTHER BRASIL**. *Sai fora! Karol Conká perde paciência com Lucas Penteador! Big Brother Brasil 21*. YouTube, 2021. Vídeo (6min08s). Disponível em: [https://youtu.be/f9hxi-SqcAw?si=dOSs7f9Gv4VuEW\\_p](https://youtu.be/f9hxi-SqcAw?si=dOSs7f9Gv4VuEW_p). Acesso em: 6 ago. 2025.
- MOREIRA, Patricia Veronica; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. Práticas e estratégias de cancelamento virtual. *Estudos Semióticos*, v. 18, n. 3, p. 151-175, 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. Pontes, 2001.
- PACETE, Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais em todo o mundo. *Forbes Brasil*, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/7>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- PACETE, Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais em todo o mundo. *Forbes Tech*, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/7>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: Dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.